

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

MARINA LAVINI CREVATIN PROVENZANO CANO

Os desdobramentos de Junho de 2013: dois momentos do ativismo social

SÃO PAULO - SP

2015

Relatório final apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas como requisito para a realização de Iniciação Científica na modalidade PIBIC.

Campo de estudo: Organizações – Movimentos Sociais

Orientador: Silvia Viana Rodrigues

Co-Orientador: Mario Aquino Alves

OS DESDOBRAMENTOS DE JUNHO DE 2013: DOIS MOMENTOS DO ATIVISMO SOCIAL. Marina Lavini Crevatin Provenzano Cano (Bolsista de Iniciação Científica, EAESP-FGV), Silvia Viana Rodrigues (Orientadora do Departamento Fundamentos Sociais e Jurídicos – FSJ, EASP-FGV) e Mario Aquino Alves (Co-orientador do Departamento de Gestão Pública – GEP, EASP-FGV)

[INTRODUÇÃO] A pesquisa em questão busca compreender se o modo organizacional dos movimentos sociais acaba por influenciar os objetivos alcançados pelo grupo, no sentido de se aproximar dos ideais por eles almejados. Para tanto, será utilizado como objeto de estudo os acontecimentos de junho de 2013, no qual se identificam dois diferentes momentos: o primeiro que tem como protagonismo o MPL e, o segundo, no qual se identifica um ativismo difuso articulado pelas redes sociais. A compreensão acerca da influência do modo organizacional se dará nos termos do estabelecimento de laços fortes ou fracos entre os membros de cada grupo. O estudo compreende a importância de situar os acontecimentos de junho de 2013, de modo que é apresentado um breve contexto histórico brasileiro, assim como se faz necessário desenvolver questões internas ao MPL.

[METODOLOGIA] Para desenvolvimento da pesquisa esgotou-se o referencial teórico, que não se tratou apenas de estudos acadêmicos, mas, sobretudo, de leituras do jornal online (espaço de discussão) do coletivo Passa Palavra. Para o estudo qualitativo, foram realizadas entrevistas em profundidade, a partir de um roteiro aberto. Ao todo, foram realizadas 3 entrevistas, sendo os entrevistados um militante, um ex-militante e um acadêmico. As entrevistas duraram entre uma hora e uma hora e meia. Ademais, foram realizadas idas a campo para acompanhar um festival e uma manifestação contra o aumento da tarifa, organizados pelo MPL; um grupo de discussão que contava com o tema “Depois de 2013, onde estamos?” e com a participação de um ex-militante do MPL; uma manifestação contra a reorganização das escolas, mobilizada por estudantes secundaristas; e diversas palestras com o tema de movimentos sociais e junho de 2013.

[RESULTADOS] As entrevistas, bem como o aprofundamento na literatura acerca do tema, possibilitaram a resposta à pergunta de pesquisa, de modo a confirmar que o modo organizacional acaba por influenciar na efetividade das ações de cada grupo. Para além disso foi possível identificar outras questões que surgiram no desenvolvimento do trabalho. Fica muito clara a importância da leitura que se faz não só dos movimentos sociais em si, mas de todos os demais fatores que permeiam o ativismo social. Tendo isso em vista, aparece ao longo da pesquisa debates entre acadêmicos e militantes, sobre os acontecimentos de junho de 2013 e visões distintas do MPL contrapondo grupos de militantes e ex-militantes.

[CONCLUSÃO] O estudo demonstra a importância do estabelecimento de vínculos fortes em se tratando de lutas reivindicatórias. É a partir da constituição de laços fortes que os militantes são capazes de resistir àqueles que buscam a manutenção do *status quo*. Como uma questão que aparece em segundo lugar, mas não menos importante, se identifica a importância do olhar que os próprios militantes tem acerca de seu movimento, entendendo a relação de modo organizacional e laços, uma vez que essa compreensão determinará, para além de sua participação ou não, seu papel dentro do movimento.

Palavras-chave (máximo 6): ativismo social, modo organizacional, jornadas de junho, MPL, redes sociais

SUMÁRIO

1. Pergunta de Pesquisa	7
2. Objetivo Geral e Objetivos Específicos	7
3. Metodologia	8
4. Introdução	9
5. Escopo	11
5.1: Contexto Histórico do Brasil Recente	11
5.2: Junho de 2013	14
5.2.1: O Primeiro Momento: MPL - Sua História e Atuação	16
5.2.2: O Segundo Momento: Ativismo Difuso	19
5.3: Pós Junho	22
5.3.1: "Ensimesmamento" do MPL	22
5.3.2. O Outro Lado	24
5.3.3: Tomada das Ruas pela Direita	26
5.4: Debate entre Militantes e Acadêmicos	28
5.4.1: Problema: Duas Perspectivas Apresentam Limitações	29
6. Contribuição Pretendida	30
7. Referências Bibliográficas	32

Agradecimentos

Não teria outro jeito de iniciar os agradecimentos, se não falando o quanto sou grata por ter tido a oportunidade de desenvolver meu projeto de pesquisa, que me rendeu tantos aprendizados. Devo então agradecer a todos os funcionários do GVpesquisa, com uma

gratidão especial à Isolete Rogesky, que esteve sempre disponível para solucionar quaisquer problemas e tirar dúvidas ao longo do processo.

À minha querida orientadora, agradeço, em primeiro lugar, por ter aceitado meu convite e meu projeto sem sequer me conhecer; por todas as orientações que me deu; pelo conhecimento compartilhado; por se mostrar sempre disponível e, por fim, pelas correções quase que instantâneas e sempre assertivas. Agradeço também ao meu co-orientador Mario Aquino e os demais professores da FGV que se mostraram abertos para escutar minhas inquietações.

Sou extremamente grata a todos os entrevistados que muito contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Por fim, agradeço também a minha família, amigos e Julio, que fazem bem para o coração.

Em certo sentido parece utópico, mas é utópico mesmo, utopia no sentido agora.

Paulo Arantes

1. Pergunta de Pesquisa

Em Junho de 2013 o Brasil vivência uma série de lutas que giram em torno do transporte. Em São Paulo, após o aumento de R\$00,20 na tarifa de ônibus, metro e trem, o Movimento Passe Livre (MPL) articula cinco grandes atos que se iniciam no dia 06 de junho e seguem até o dia 17, quando dois dias depois é anunciado pelo prefeito Fernando Haddad e pelo governador Geraldo Alckimin a revogação do aumento. No transcorrer dos acontecimentos, quando de sua massificação - que ocorre de maneira concreta no ato do dia

17 -, as reivindicações passam a abordar demais pautas, muitas das quais tem continuidade em protestos que seguem após a conquista do MPL. Ainda no que diz respeito ao dia da massificação, segundo Ortellado et al.(2013), o evento no Facebook de convocação à manifestação apresentava 215 mil confirmados - número 7 vezes maior que o anterior e, ainda, 20 vezes maior que o terceiro ato -; o Instituto de Pesquisa Datafolha calculou para esse mesmo ato a participação de 65 mil pessoas, porém aquilo que se observou foi uma enorme aglomeração em diversos pontos da cidade – sem mencionar centenas de milhares de pessoas que tomaram as ruas por todo o país.

São várias as questões que surgem acerca luta direta que toma a proporção de maior manifestação dos últimos tempos, mas aquela a ser desenvolvida nesse trabalho é a que segue:

As estruturas dos movimentos sociais, como o Movimento Passe Livre (MPL) e a população mobilizada por meio das redes sociais, implicam na efetividade de suas ações - no sentido de se aproximar dos ideais por eles ansiados?

2. Objetivo Geral e Objetivos Específicos

Esse trabalho possui como objetivo geral fazer uma análise da relação entre as estruturas organizacionais dos movimentos sociais e a efetividade de suas possíveis conquistas. Como objeto de estudo tem-se os acontecimentos de junho de 2013, que são geralmente vistos como uma continuidade de eventos. Há, contudo, quem acredite que existiram momentos distintos. Segundo Ortellado et al.(2013), por exemplo, existiram dois momentos: o primeiro orientado pelo MPL, com pautas claras, e o segundo no qual há uma massificação do evento, difusão de pautas e captura da mídia. Ainda, cabe analisar como a estrutura organizacional se relaciona com os resultados obtidos: no primeiro momento, com a redução da tarifa e no segundo momento onde não há o alcance de resultados concretos. Porém, é preciso se ter em mente que, ainda que diferentes, ambos os momentos levaram à revogação do aumento, não se tratando de eventos tão facilmente delimitáveis.

Sendo assim, busca-se comparar o MPL (em posição de liderança clara no primeiro momento) e a mobilização gerada por meio das redes sociais (como segundo momento), identificando seus papéis nesse ínterim.

3. Metodologia

A primeira fase do projeto se destinou ao esgotamento da leitura indicada no referencial teórico e para além deste também. Em uma segunda fase, o foco se deu em idas a campo. Participou-se de um festival¹ e manifestações - tanto as que clamavam a redução do aumento da tarifa, quanto as que eram contra a reorganização das escolas; o que foi importante para observar a organização dos atos e a atuação da esquerda autonomista, da qual fazem parte tanto os membros do MPL, quanto a maioria dos secundaristas que ocuparam as escolas em 2015-2016.

Ainda, a ida a diversas palestras² e a participação de uma reunião de um grupo de discussão³ foi importante para colocar o debate sobre os diferentes discursos de intelectuais e militantes.

Por último, foram realizadas entrevistas em profundidade com roteiro aberto. Dentre os entrevistados encontram-se ex-militantes e militantes do MPL⁴ os quais terão seus nomes aqui preservados e, portanto, serão apresentados por codinomes, de modo a buscar sua proteção em meio ao instável ambiente político atual. As entrevistas realizadas com acadêmicos ocorreram de maneira informal com a orientadora Silvia Viana, no decorrer de todo o desenvolvimento do trabalho, assim como foi realizada uma entrevista formal com Paulo Eduardo Arantes⁵, professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP.

4. Introdução

Tendo como ponto de partida o periódico “A revolução não será tuitada”, de Malcolm Gladwell (2010), surgem questionamentos quanto aos impactos que as estruturas organizacionais geram sobre os desdobramentos dos movimentos sociais. O autor aborda ao longo de todo o texto dois termos que seguem: vínculos fortes e fracos. O primeiro, associado ao ativismo de alto risco, está presente em movimentos organizados, fisicamente articulados, nos quais se estabelecem laços como a amizade. O segundo, em contraposição, diz respeito ao ativismo articulado apenas por meio das redes sociais, onde o espaço para o debate é o virtual, e, portanto, não há o estabelecimento de vínculos pessoais.

1 Festival Pula Catraca, realizado no dia 25/02/2016.

2 Sendo elas: “Em que tempo estamos?”, realizada na FEA em 04/09/2015; “Movimentos sociais e a crise de representação” realizada na FGV, em 24/08/2015 e participação da Jornada de Administração Pública do segundo semestre de 2015, também realizada na FGV.

3 Grupo que apresentava como tema de discussão “Depois de junho de 2013, onde estamos?”, realizado no dia 12/11/2015.

4 Essas entrevistas formais foram realizadas respectivamente nos dias 14/10/2015 e 27/06/2016.

5 Ocorrida no dia 04/05/2016.

Para sustentar seus argumentos, o autor conta uma história que se passa no início dos anos 60 e que representa uma das muitas explosões da luta pelos direitos civis, que teve seu desfecho no sul estadunidense até o final da década.

Quatro jovens universitários negros, de Greensboro, foram a uma lanchonete que possuía uma área reservada para brancos sentarem e outra, destinada para os negros ficarem de pé. Desafiando a disposição segregacionista, eles sentaram ao balcão e pediram por um café. Os funcionários tentaram convencê-los a sair, mas os jovens permaneceram lá até que se juntassem um pequeno grupo de espectadores ao redor do recinto.

No dia seguinte, os jovens voltaram e conseguiram fazer com que o protesto crescesse, tornando isso um padrão, até que se espalhasse para além do estado - tomando também todo o sul dos Estados Unidos.

Aquilo que foi capaz de fazer com que aqueles jovens resistissem a todos os tipos de xingamentos, pressão, e ao risco por estarem ali sentados foram os vínculos fortes estabelecidos entre si. Esses jovens moravam juntos e alguns também haviam estudado juntos no colegial. Portanto, para Gladwell, esses tipos de vínculos que são capazes de sustentar um enfrentamento que envolve perigo.

De modo a reforçar seu argumento, Gladwell cita, entre outros estudos, o de Doug McAdam, sociólogo na Universidade Stanford, que compara aqueles que permaneceram aos que abandonaram o programa Freedom Summer - também ligado a questão dos direitos civis. McAdam conclui que ambos os grupos estavam completamente comprometidos com a causa e apoiavam as metas e valores do programa. Aquilo que foi identificado como fator decisivo para o desligamento ou não, foi grau de conexão pessoal que cada um deles tinha dentro do movimento dos direitos civis. Por meio do preenchimento de uma lista de contatos pessoais, ele percebeu que os desertores não possuíam tantos amigos envolvidos na luta.

Em contraposição, o ativismo das redes sociais se constitui pelo estabelecimento de vínculos fracos; que se estabelecem através de pessoas que muito provavelmente sequer já se conheceram fisicamente. Tendo isso em vista, compreende-se que é um instrumento capaz de ampliar a participação - mas deve-se questionar que tipo de participação se obtém através desse ferramental. Para Gladwell, esse tipo de participação ampliada ocorre por meio da redução do nível de engajamento que a participação de alto risco exige. Isso se deve ao fato de que as redes sociais só mobilizam as pessoas de modo que essas não façam sacrifícios reais; façam apenas aquilo que alguém faz quando não está suficientemente envolvido.

Contudo, é importante ressaltar que, apesar das diversas críticas feitas pelo autor ao ativismo fraco e, por conseguinte, às redes sociais como ferramentas para o ativismo, ele

reitera que “As desvantagens das redes pouco importam quando não estão interessadas em mudança sistêmica [...]”. A partir disso, argumenta que, se aquilo que se busca é, de fato, essa mudança, é preciso pensar estrategicamente e se organizar, portanto, ser disciplinado e agir com precisão; ademais, coloca que se aquilo que se tem como objetivo é o combate a determinado sistema poderoso e organizado, deve-se ter uma hierarquia.

A lógica desenvolvida é que as redes sociais, que carecem de uma estrutura centralizada de liderança e de autoridades reconhecidas acabam por encontrar dificuldades para o estabelecimento de consensos e metas, não sendo capaz de constituir uma estratégia concreta. Uma vez sendo inerentemente propensas a conflitos e erros, não seriam capazes de constituir uma estratégia, desenvolver táticas e definir orientações teóricas.

Todavia, o problema que aparece, nesse momento, na argumentação de Gladwell é que ele desconsidera a existência de novos movimentos sociais que, apesar de não se organizarem hierarquicamente, são disciplinados, agem com precisão e, principalmente, são movimentos capazes de estabelecer laços fortes.

Os movimentos horizontais e autônomos tem apresentado nas décadas recentes uma maior preocupação com o processo do que com o resultado em si: “(...) é o meio pelo qual atuam, a horizontalidade, a democracia direta, assim como a criatividade de suas ações, que dão a eles sabor e sentido.” O interessante dessa nova composição entre processo e resultado é que a fala de cada membro não busca como fim único ajudar o desenvolvimento do processo decisório, mas sim participar e se autoexpressar - o que aponta para a vivência de uma experiência comunitária plena. (ORTELLADO et al., 2013, p.227-228)

Isso posto, entende-se que os ideais se encontram em segundo plano quando em comparação ao ferramental e, portanto, às questões organizacionais. Sendo estas não só a oposição posta por meio de laços fortes e fracos, como também pela observação da construção dos processos internos dos movimentos a serem aqui analisados.

Contudo, a redução da análise à estruturação dos movimentos sociais esvazia de sentido a compreensão de tudo aquilo que permeia o ativismo social. Isto se deve ao fato do ativismo social ser influenciado pela conjuntura - como é o caso da explosão social que ocorre em SP, em decorrência do sucesso que vinha alcançando o MPL - ou, ainda, pelos movimentos sociais surgirem dentro de determinados contextos - como ocorre com o MPL; ocorridas duas memoráveis manifestações em meio a um ambiente capitalista - que serão desenvolvidas mais adiante. Por esses motivos, o trabalho busca respostas para os questionamentos postos levando em consideração não só o histórico da constituição dos movimentos sociais, mas também o contexto no qual o ativismo social se manifesta.

5. Escopo

5.1 Contexto Histórico do Brasil Recente

Para início de trabalho é preciso esclarecer o panorama brasileiro dos últimos 15 anos, de modo que as manifestações se encaixem no contexto socioeconômico do país e, portanto, das diferentes classes sociais. A escolha da retrospectiva a se fazer, apenas a partir de 2000, ocorre pelo fato desse período ser um marco no que diz respeito ao espectro político brasileiro. O país que tinha uma visão da esquerda como sendo “desestabilizadora”, acabara de eleger um candidato à presidência oriundo de um partido socialista democrático.

O espectro se modifica ainda mais, na medida em que este presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, muda toda a clivagem apoiadora de seu partido – antes composta pela classe média, que se decepciona com o “escândalo do mensalão” e passa a apoiar o candidato da oposição nas eleições de 2006; o que ocorre em paralelo à grande adesão de eleitores de baixíssima renda -, no período de seu segundo mandato, assim como leva quase à extinção o manuseio dos termos direita e esquerda brasileira. Isto acontece no momento em que Lula dá ao partido uma “face do Brasil”, deixando em segundo plano o ideário de luta de classes, que era suportado pelo partido através da imagem “dos trabalhadores”. Deste modo, a população passa a se distribuir ao longo dos partidos segundo a sua “posição social”: os excluídos (pobres) e os incluídos (ricos) (SINGER, 2012).

Essa mudança mais radical tem início em 2006, quando de sua reeleição, no momento em que o lulismo começa a ser colocado em prática. Este se fundava sob uma lógica contraditória, visto que conduzia uma política macroeconômica neoliberal, ao mesmo tempo em que buscava reduzir a desigualdade. Em outras palavras: “O lulismo, ao executar o programa de *combate à pobreza dentro da ordem*, confeccionou via ideológica própria, com a união de bandeiras que não pareciam combinar” (SINGER, 2012, p.74). Por essa razão, ele não foi capaz de realizar um reformismo forte, ainda que tenha realizado um reformismo de grandes efeitos - tendo em vista tamanha a desigualdade existente no país. Efeitos esses que podem ser figurados na ativação de setores antes inexistentes na economia, a exemplo de clínicas dentárias para baixa renda, ou ainda, oriundos de uma série de programas governamentais como o Luz para Todos (SINGER, 2012, p.68).

Como consequência das medidas tomadas, houve um declínio rápido da *pobreza monetária*⁶, ao passo que houve uma redução lenta das desigualdades (SINGER, 2012, p.143). Tem-se, a partir disto, tentado se difundir a ideia de que a inserção por meio do emprego, consumo e crédito levaria os subproletários a ascenderem à classe C.

Contudo, segundo Jessé de Souza, as classes sociais não devem ser definidas apenas por seu aporte econômico, mas também por todo um estilo de vida adotado, que depende, dentre outras questões, do ambiente familiar, das redes de relacionamentos, da violação sistêmica do corpo e de direitos. Todos esses aspectos que concernem ao estilo de vida são decorrentes da possibilidade de acesso a diferentes tipos de capitais sociais – sendo os mais importantes da sociedade moderna o econômico e o cultural.

Aqueles que não conseguem incorporar todo esse tipo de capital acabam por desenvolver disposições para o comportamento como a disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo. A partir desse conjunto – ou dessa tríade, como é apresentada pelo autor - é possível ser produtivo e útil no mercado competitivo capitalista (SOUZA, 2010). Aquilo que é esclarecido aqui, pelo autor, é que existe uma parcela da população que busca ascender socialmente por meio do trabalho duro; por essa razão, a denominação mais apropriada seria “classe batalhadora”.

Um aspecto principal para essa denominação pode ser relacionado a uma das razões que o autor atribui, a partir de sua pesquisa, ao alcance dessa classe de “seu lugar ao sol”: essa classe apresenta uma crença em si mesma e no seu próprio trabalho. Somam-se a isso aspectos como a resiliência ao cansaço dos diversos empregos e turnos, a dupla jornada da escola e o trabalho e a capacidade de poupar e de resistir ao consumo imediato (SOUZA, 2010, p.50).

Indo mais além, é preciso esclarecer o porquê da definição “classe C” ser tão problemática: distorcer a realidade vivenciada, bem como a violência simbólica, faz parte da omissão da dominação e opressão injusta e vigente. A razão para tanto é tão simples quanto a lógica de que só as classes privilegiadas têm acesso a determinados recursos. A classe batalhadora, por sua vez, exposta a um sistema capitalista baseado na exploração do trabalhador, de modos mais eficazes e sutis, resiste com o capital social que adquiriu pela

⁶ Frisa-se pobreza monetária, visto que a palavra não é utilizada no sentido mais amplo como o cunhado por Amartya Sen. Para este, redução da pobreza seria a redução das restrições, a exemplo da fome, para que seja possível ampliar suas capacidades. Em outras palavras, não basta haver apenas recursos, mas garantias como a isenção da fome, para que seja possível, transformar tais recursos em liberdades e, portanto, bem estar.

própria experiência do trabalho, somados a capacidade de enfrentar uma dura jornada de trabalho e o apoio da família. (SOUZA, 2010).

Concretamente, a pequena melhoria das condições financeiras da classe trabalhadora não significou uma melhora nas condições de inserção social dessa classe, posto que não conseguem dar estabilidade a essa ascensão, por enfrentarem dificuldades para transformar seu capital econômico em cultural (SOUZA, 2010, p.238). Por essa razão, ela agora anseia também melhores condições sociais ligadas à saúde, educação, cultura e, em especial, condições de trabalho que permanece precário – isso em não se tratando da violência policial, cujo alvo está tão ligado ao capital cultural quanto à renda.

É, portanto, em 2013, onde uma imensa fissura que brota em meio à aparência de sucesso do país que são escancaradas as oposições as quais constituem uma classe trabalhadora que anseia por acesso a capitais simbólicos; e as que são inerentes a uma classe média tradicional - que não enfrenta nenhuma dificuldade para ter acesso a qualquer tipo de capitais. Essa classe média tradicional, que não se beneficia economicamente a partir do governo petista, se sente subrepresentada, por algumas razões as quais serão desenvolvidas mais a frente.

Atentando para o fato de que “A presença dos batalhadores na vida do país tem implicações para a política social, para a transformação de nossa sociedade e para o pensamento social, no Brasil e no mundo.” (SOUZA, 2010, p.11), as análises a serem realizadas no trabalho se darão nos termos dos contextos nos quais estão inseridas as diferentes camadas sociais brasileiras.

5.2: Junho de 2013

Dentro do cenário contemporâneo brasileiro, as jornadas de junho de 2013 aparecem como ações de vital importância para reafirmar a necessidade do ativismo social como componente da vida política. A manifestação dos anseios da população e a tomada do espaço público como palco para tal se fazem necessárias para a manutenção do sistema democrático participativo.

No que diz respeito à luta pela tarifa, é importante trazer à luz que, os 5 grandes atos que eclodiram no centro de São Paulo, tiveram suas primeiras chamadas concentradas em pequenos atos pela luta do transporte no extremo sul. Esses atos regionais foram organizados

por estudantes de escolas estaduais.⁷ Estes secundaristas agiram de maneira espontânea em 2013 como fruto do trabalho de base realizado há anos pelo MPL.

No dia 06 de junho foi realizado o primeiro grande ato organizado pelo MPL pedindo a revogação do aumento da tarifa. O prefeito Haddad, porém, apresentava toda uma argumentação para justificar a medida: o reajuste havia sido feito abaixo da inflação, medida desde o último aumento, e ele estava trabalhando com outras prefeituras para conseguir municipalizar o imposto sobre a gasolina, permitindo um aumento do subsídio ao transporte público (ORTELLADO et al., 2013, p.28).

O MPL não estava disposto a negociar a sua demanda e, por conseguinte, organiza o próximo ato já para o dia que segue. Três outros grandes atos, convocados pelo MPL, acontecem até que seja anunciado o cancelamento do aumento no dia 19 de junho. No transcorrer desse processo, no entanto, ocorre uma difusão de pauta, cujas reivindicações levaram também a manifestações que ocorreram após a revogação.

Todos esses acontecimentos foram narrados pela mídia, tradicional e independente, a partir da mesma perspectiva de sobrevalorização de processos, em detrimento aos resultados, assim como existe essa sobreposição inerente a determinados movimentos sociais. Logo, “é na forma de luta, tanto a da “violência” do vandalismo como a da criatividade da intervenção contracultural, que o olhar se detém.”(ORTELLADO et al., 2013. p.228-229).

O problema desse tipo de olhar, se manifesta na medida em que os processos são utilizados para deslegitimar o movimento. Essa deslegitimação ocorre por três vias: pelo reforço do discurso contra o vandalismo, pelo método de bloqueio das ruas, e por meio dos próprios manifestantes, que são desqualificados por serem apontados como punks e membros de partidos com pequena expressão política (ORTELLADO et al., 2013, p. 39).

Há, contudo, uma mudança de discurso – ainda que não se trate de uma inversão da sobrevalorização dos processos -, ao longo das manifestações, que decorre de diversas razões, como o reconhecimento de que não se pode ir contra o conflito, uma vez que se é a favor da democracia. Outros motivos, também apontados por Silvia Viana em blog da Boitempo, tiveram influência na tônica dada pelo meio midiático monopolizado, como a identificação da grande adesão por parte da população e a violência desmedida contra a própria imprensa.⁸

⁷COLETIVO PASSA PALAVRA. “Primeiras Chamas: atos regionais das jornadas de junho”. Disponível em Passa Palavra:<<http://www.passapalavra.info/2013/09/85393>>. Acesso em: 29 jun.2016.

⁸VIANA, S. “Técnicas para a fabricação de um novo engodo, quando o antigo pifa”. Disponível em Blog da Boitempo: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/21/tecnicas-para-a-fabricacao-de-um-novo-engodo-quando-o-antigo-pifa/>>. Acesso em: 09.jan2016

Para que se sustentasse esse novo discurso, a mídia passou a enfatizar a dualidade “manifestantes x vândalos” e ocupou-se também de disseminar as mais diversas pautas. Dentre elas, apareciam direitos sociais, reivindicações pela melhoria de serviços públicos, como saúde e educação; e pelo melhor gerenciamento dos gastos públicos – aparecendo nesse momento reclamações acerca dos gastos com os eventos esportivos a serem realizados no país -, o tema da paz – que aparece por meio do mote “sem violência” e o próprio direito à manifestação.

Todavia, é essencial pontuar que o mote principal que a mídia quis impôr às manifestações foi a corrupção, que seria um problema moral ligado tão somente ao poder público, sem sequer ter alguma relação com livre mercado.⁹

Torna-se, portanto, fundamental pensar a relevância do Movimento Passe Livre (MPL), para o desenvolvimento dos eventos de 2013. E, em paralelo, as mais diversas articulações da população.

Cabe ressaltar, porém, que o MPL, sendo um movimento social organizado, que tem por definição ser horizontal, autônomo, independente e apartidário¹⁰, se articula estrategicamente. Nas palavras de Leo Vinicius,

[...] a continuidade da campanha ao longo dos anos é, em maior medida, expressão de uma orientação estratégica, que vê e pensa as ações do presente dentro de uma luta de longo prazo. Diferencia-se assim de muitas atividades e campanhas juvenis e libertárias, que acabam sendo efêmeras, voltadas para ações pontuais que muitas vezes se esgotam em si mesmas. (VINICIUS, 2014, p.298).

Nesse ínterim, torna-se relevante trazer, à luz dessa estrutura de mobilização, a capacidade alcançada pelo movimento de massificar sua pauta. É nesse instante em que os dois momentos das jornadas se cruzam: o MPL enquanto mobilizador reabriu uma cultura de ocupação do espaço público que, há dez anos, se encontrava em inércia nesse campo e dela obteve benefícios, na medida em que a participação de diversos atores aumentava a visibilidade de suas ações. Em contrapartida, o segundo momento, dirigido pela multiplicidade de pautas, acaba marcando as manifestações com o slogan “não são só vinte centavos”, por vezes visto como sendo o momento no qual o MPL perde o “controle” das mesmas.

5.2.1: O Primeiro Momento: MPL - Sua História e Atuação

9 Ibidem

10 MPL-SP. “Carta de Princípios”, disponível em:

<<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/cartadeprincipios/>>. Acesso: 16 mar. 2015.

O MPL foi fundado nacionalmente em 2005. Cabe mencionar, porém, que desde 1999 já existia uma grande mobilização em torno da questão do transporte. Ademais, existem dois acontecimentos históricos que marcaram a constituição do movimento: *Revolta do Buzu* (Salvador, 2003) e as *Revoltas da Catraca* (Florianópolis, 2004 e 2005).

A Revolta do Buzu, apesar de não ter surtido efeitos quanto à redução efetiva do aumento da tarifa, foi de extrema relevância para a construção do movimento. Isto se deve ao fato de ter se tratado de uma revolta com adesão em massa por parte dos estudantes secundaristas, os quais atuavam de maneira descentralizada, realizando, por exemplo, assembleias que ocorriam no momento do bloqueio. A partir desta revolta constituiu-se um “modelo embrionário” de organização e uma aversão à negociação - vide que grupos partidários e entidades estudantis aparelhadas se colocaram na posição de lideranças, ao articular com o poder público - que estarão presentes nos principais ideais do movimento. Já a revolta da Catraca, que sucede a do Buzu, obteve com êxito a revogação do aumento, após as barragens terem bloqueado o acesso à ilha. Como maior resultado, oriundo da ampliação de perspectivas após a conquista, teve-se origem o MPL (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SP, 2013, p.14-15).

Naquilo que concerne aos ideais apoiados pelo MPL, é importante ressaltar que se trata de um movimento anticapitalista e que, portanto, não tem um objetivo pontual, mas que, assim como consta na apresentação deste no site oficial: “pensamos na mudança da sociedade através da mudança na lógica da mobilidade urbana.”¹¹ Por último, o movimento é composto por pessoas que agem de modo organizado e que possuem o mesmo poder de decisão ao idealizarem o alcance da tarifa zero (isenção de pagamento).

A mudança da defesa da tarifa estudantil para a tarifa zero foi muito significativa para o Movimento. Ela se deve ao contato do mesmo com o secretário de transporte da prefeitura, na gestão Erundina, Lucio Gregori. É a partir desse momento em que se amplia a discussão e se consolida um movimento que luta pelo direito a cidade.

Cabe aqui ressaltar a orientação estratégica que apresenta a luta pelo passe livre. O tema o qual ela abrange afeta efetivamente a vida cotidiana da maior parte da população urbana, bem como do próprio funcionamento da economia da cidade. Desse modo, ela acaba por englobar interesses e sentidos diversos (VINICIUS, 2014, p.298). De maneira mais

¹¹MPL-SP. “Apresentação”. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao>>. Acesso: 29 mar. 2016.

específica, o transporte aparece como uma pauta tão atrativa, pois tem um fundo utópico: a liberdade de ir e vir para onde você quiser.¹²

Sustentado por todos os valores acima mencionados, o MPL foi capaz de convocar uma enorme massa de pessoas para as ruas, liderando, no início, as manifestações de junho de 2013. Para tanto, o movimento estudou diversas outras experiências que venceram a luta contra o aumento. Preparados então foram capazes até de prever o dia no qual a revogação seria anunciada.¹³

Para Paulo Arantes¹⁴, a revogação foi oriunda da conjugação de uma determinada tática com um modo de organização. Uma vez que a conjuntura havia mudado, o movimento foi capaz de perceber que naquele ano iriam ganhar e, portanto, se planejaram para isso. O MPL inovou na medida em que passou a não obedecer duas regras básicas da manifestação: a ordem de dispersar e a disposição para ceder.

A dita “não obediência” ocorreu por meio da abordagem da tática de que os manifestantes agregados não se dispersariam ao comando que vinha das forças de ordem que os confrontavam. Se isso ocorresse, o grupo se reaglutinaria. À vista disso, venceram pelo cansaço no primeiro dia; voltaram no dia seguinte; no terceiro ato e ainda, no quarto ato - que teve uma abordagem extremamente violenta, por parte da PM, convocada pelos meios de comunicação - resistiram, até que tomasse tamanha dimensão que conseguissem a revogação.

Aqueles que se encontravam nas ruas, compreendiam que apanhar da PM significava o estabelecimento de uma solidariedade básica para fazer enfrentamento juntos. Essa solidariedade física, de correr riscos juntos, que é a essência dos laços fortes estabelecidos. É justamente a existência desse tipo de laço que explica o sucesso dessas jornadas.

O estabelecimento desses laços, contudo, se constitui muito antes desse enfrentamento. Ele se deve às reuniões regulares, à vivência no colégio, vivência também da experiência comunitária, encontros em bares, baladas, etc.

O reconhecimento da importância dada aos processos, em sobreposição aos resultados, permite compreender melhor a negação à denominação de liderança da revolta, ao

¹² Assim como afirma, em entrevista, Paulo Arantes.

¹³ Como conta Lucas Oliveira em entrevista. Disponível em:

<http://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=06&t=10> . Acesso: 10 jan. 2016.

¹⁴ Toda a argumentação que segue é baseada nos argumentos apresentados por Paulo Arantes em entrevista, assim como também foram expostos em sua intervenção realizada na prefeitura pós revogação divulgado em vídeo “Tarifa Zero e mobilização popular”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDE28pongK8>. Acesso: 13 jul. 2016.

longo dos acontecimentos de junho de 2013. Essa questão foi inclusive exposta em uma nota pública do MPL, no qual se afirmava como não sendo dono da luta contra o aumento.¹⁵

O papel de liderança, contudo, surge de maneira espontânea no decorrer dos acontecimentos. A forma de assumir essa liderança, ao longo da luta só pode ser de “(...) uma *direção que se nega a si mesma*, que não se afirma como tal e por vezes nem sequer se enxerga assim; que não ambiciona o controle total e, mais do que isso, tem como fim perder completamente o controle.”¹⁶

Se a revolta aposta no desfecho no qual há a perda de controle, por outro lado ela depende de um norte altamente organizado da luta, que busca dar sentido e unidade ao descontrole, possibilitando o alcance de seu fim primeiro (a revogação do aumento da tarifa).¹⁷

5.2.2 O Segundo Momento: Ativismo Difuso

O ativismo social, que entra em cena no “segundo momento”, deu-se de maneira difusa. Em primeiro lugar, é importante compreender de que modo este começou a fazer parte das revoltas de junho.

Um possível motivo para tanto, decorre da forma com a qual o MPL conduz manifestações em geral, e, portanto, com a qual conduziu junho de 2013, abrindo espaço para a entrada de todo e qualquer manifestante. Ainda, a dimensão do movimento deve muito ao modo de fazer política, pois a forma não se dissocia completamente do conteúdo.

Renata, militante do MPL, acredita que outra provável motivação para a adesão em massa ao movimento, ainda que as pessoas aderissem ao chamado levando outras pautas, se deve a crise de representatividade latente desde a década de 70 e até o próprio surgimento do MPL em um contexto de movimento social autônomo, horizontal e apartidário, se inserindo nessa nova perspectiva de fazer política.

Outra possível razão para que tenha havido a entrada de pautas diversas – por vezes inclusive divergentes daquelas apoiadas pelo movimento - é o fato deste ter convocado os protestos divulgando apenas o objetivo pontual existente naquele momento. Deste modo, ao

15 MPL-SP. “09 JUNHO 2013 (BR-SP) Nota pública do Movimento Passe Livre sobre a luta contra o aumento. Disponível em Passa Palavra”:<<http://www.passapalavra.info/2013/06/78707>>. Acesso: 29 jun. 2016.

16 MARTINS, C.; CORDEIRO, L. “Revolta popular: o limite da tática”. Disponível em Passa Palavra:<<http://www.passapalavra.info/2014/05/95701#more-95701>>. Acesso: 18 mar. 2015.

17 *Ibidem*

entrar sem colocar o próprio programa à mostra (como a tarifa zero e os ideais anti-capitalistas), abre-se também espaço para a participação de manifestantes com outro perfil.

Como última causa a ser aqui apresentada pela entrada de novas pautas no movimento, tem-se a ideia posta por Arantes¹⁸, de que os coletivos libertários imaginam que você pode replicá-los. A partir dessa lógica, constata-se que o protesto social funciona permitindo a entrada de outras pautas juntamente com a tarifa.

Esse segundo momento não se deu de maneira clara como aqui está delimitado. Isto se deve ao fato de não ter surgido de uma hora para outra, mas ter aos poucos se constituído como um dos momentos de junho, no decorrer da entrada de diversos agrupamentos heterogêneos. No entanto, é notável que tal entrada aparece de maneira mais clara no mesmo momento em que a mídia muda seu posicionamento perante as manifestações (processo que se inicia - ainda que com restrições - a partir do dia 13 de junho e se consolida no dia 17).

Apesar da tônica mais leve, que não mais criticava abertamente as manifestações, mas sempre tentava separar os “baderneiros” dos manifestantes, a mídia ainda tentava suplantar a principal pauta que estava em discussão. As negativas que partiam do “não são só 20 centavos” cresciam de modo a criar uma imagem de que se trata de um movimento por nada.¹⁹

Há quem acredite na ideia de que as mídias sociais, instrumentos vitais para esse tipo de ativistas, tenha possibilitado que a grande quantidade de conexões entre pessoas se transformasse em laços mais fortes.²⁰ Mas será mesmo que foram construídos laços em 2013?

O que existe de concreto é: há uma limitação para o influxo de novos laços. Tendo isso em mente, sabe-se que a importância do coletivo pôde ser diluída pela entrada de alguns agrupamentos²¹ - como a aversão de alguns militantes do MPL às manifestações quando da entrada de grupos de direita.

É possível retomar a pergunta acima assinalada, frisando-se outro ponto: as reivindicações, muitas vezes tiradas da TV²², ao invés de serem pautas que tocam diretamente no cotidiano das pessoas - como de costume -, foram capazes de formar vínculos? Ou apenas tiveram suas angústias canalizadas, por esse meio de comunicação em massa, de modo a se revoltar?

18 Também a partir da entrevista realizada.

19 VIANA, S. “Técnicas para a fabricação de um novo engodo, quando o antigo pifa”.

20 NUNES, R. “A organização dos sem organização: oito conceitos para pensar o “inverno brasileiro””. Disponível em Le Monde Diplomatique: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3036>> . Acesso: 24 ago. 2015.

21 Como conta Fabricio abertamente em um grupo de discussão.

22 Como observa Bianca em entrevista.

Em se tratando do perfil daqueles presentes no segundo momento, é principal que se mencione a característica de grupos conservadores, que identificaram nas manifestações grande oportunidade para colocar em evidência suas pautas paralelas (SAKAMOTO, 2013, p. 97). O que se percebe, é que em 2013 a pauta paralela que aparece, em especial, é a corrupção - o que faz todo sentido ao se ter em mente aquilo que aponta Jessé: “O tema do patrimonialismo e da crítica da corrupção que seria apenas do Estado serve, afinal, apenas para que a conservação do mesmo - a reprodução da sociedade amesquinhada à reprodução do mercado - tenha a aparência de crítica” (SOUZA, 2010, p. 20).

Para além disto, identifica-se também uma insatisfação oriunda de um vazio, que aqui pode ser entendido como um vazio de representação, que se deve em grande medida pelos dois grandes partidos brasileiros apresentarem o mesmo projeto econômico neoliberal.

É preciso, porém, questionar a massa difusa, na medida em que, através dos meios de comunicação, se difunde que esta foi capaz de alcançar alguns resultados²³, como o repasse de 25% dos royalties para a saúde. Mas é também aí que se encontram pontos chave para a questão: foram conquistas diretas? Essas conquistas se mostraram efetivas? Essa é uma das grandes dificuldades encontradas quando não existem reivindicações claras.

O trecho a seguir, apesar de não se referir ao ocorrido, se aproxima muito daquilo visto em 2013, apontando tanto a fluidez das pautas amplas, quanto suas fragilidades:

Given a certain amount of interest by the media and the appropriateness of social conditions, the ideas will still be diffused widely. But diffusion of ideas does not mean they are implemented; it only means they are talked about. Insofar as they can be applied individually they may be acted upon; insofar as they require coordinated political power to be implemented, they will not be. (FREEMAN, 2013, p.)

A quebra de ordem ocorrida com a explosão da revolta indica a possibilidade de transformação social; mas por existir na tensão entre uma minoria organizada e uma maioria não organizada, acaba se esgotando, limitando a revolta a si mesma.²⁴ A questão posta aqui é a falta de organização no segundo momento. O aspecto organizativo se faz importante na medida em que grupos constituídos de modo organizado estabelecem laços fortes.

No segundo momento, porém, o que se observa é que, apesar de ter, de certa forma, cooperado com a revogação, a população articulada por meio de laços fracos não foi capaz de produzir mais conquistas concretas. Todavia, frisa-se a importância das redes sociais, que foram essenciais para a comunicação.

23 O que ocorre por meio da colocação, em paralelo, daquilo que se reivindicava nas ruas e daquilo que foi realizado, por parte do governo. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>>. Acesso: 18 jan. 2016.

24 MARTINS, C.; CORDEIRO, L. “Revolta popular: o limite da tática”.

5.3: Pós Junho

5.3.1: "Ensimesmamento" do MPL

O problema para o movimento, em São Paulo²⁵, se deu no momento no qual o foco (busca pela revogação do aumento) caiu. O grupo tinha conhecimento das táticas utilizadas em outras localidades para frear o aumento, mas não tinha como prever aquilo que viria depois. Não sabiam como responder à vontade, de considerável parte da população, de indicar uma direção, bem como agir diante do aparecimento de pautas difusas - inclusive pelo fato de um seguimento dos manifestantes apoiar ideais que iam no sentido contrário dos defendidos pelos militantes do MPL.

Posto isso, os membros se viram diante de algumas possibilidades e acabaram optando por se “voltar para dentro”, logo quando houve a revogação. Dessa maneira, ficando seguros de si, seriam capazes de resolver seus problemas organizativos. Ademais, resolveram também focar em trabalho de base na periferia, de modo que se afastassem de parte dos manifestantes que surgiram no segundo momento das manifestações, que serão melhor figurados mais a frente, que estariam agora nas ruas e, portanto no centro.

É importante colocar a ressalva que, devido à dificuldade para se chegar a uma decisão de como prosseguir diante dos eventos de junho; aqueles que eram contra as duas medidas que foram tomadas, acabaram prejudicando o desenrolar das mesmas.²⁶ Isso ocorreu na medida em que a luta passou a ser tanto na periferia, quanto no centro, na tentativa de dinamizá-la - o que mostrou ter certa ausência de sentido tanto tático, quanto estratégico. A ausência deste se manifesta por motivos como não se fazer mais necessária a divulgação do

²⁵ É importante ressaltar que o foco do trabalho se dá no MPL de São Paulo tendo em vista as limitações de tempo e espaciais para a realização da pesquisa, para que não fique subentendido que o movimento se resume à São Paulo, o que seria uma grande inverdade e falta de reconhecimento com os demais militantes espalhados pelo Brasil.

²⁶ OLIVEIRA, L. “O Movimento Passe Livre acabou?”. Disponível em Passa Palavra: <<http://passapalavra.info/2015/08/105592>>. Acesso: 14 out. 2015.

movimento e por essa confusão ter prejudicado o trabalho de base na periferia, pois as preferências, entre focar na periferia ou permanecer no centro, estavam competindo.

Houve, ainda, uma abertura de oportunidade para que o movimento crescesse que não foi aproveitada, dado a tamanha dimensão alcançada por este, como assinalou, em entrevista²⁷, a ex-integrante do MPL, Bianca: “Grande ganho do movimento com essas revoltas tem mais a ver com ele ficar conhecido, ele se tornar uma sigla, uma força política levada em consideração na cidade.” Esse contexto era viabilizador de uma ampliação do número de membros, para além de possibilitar uma rotatividade dos próprios integrantes. O problema se desenvolve na medida em que não só existe uma dificuldade em si de fazê-lo crescer e ganhar forças, mas também por não terem depositado confiança nos novos membros. Ainda, não haviam sido pensadas medidas para a incorporação dos novos integrantes.

Outro problema pontuado por Fabrício, também ex-militante do MPL e por outros integrantes que deixaram o MPL são de ordem de interação do grupo. Grupos menores dentro deste iam se formando de acordo com afinidades, de modo que se você não participasse dos encontros sociais não teria mais tanta voz dentro do movimento²⁸. Levando em consideração esse ponto, é interessante observar que o fortalecimento dos laços afetivos pode também ser entendido como um entrave para o movimento.

Dentro desses subgrupos criados, sabe-se que houve um problema com um coletivo feminista presente dentro do próprio MPL. Contudo, ninguém deixa muito claro como aconteceram os estranhamentos. O que é relevante mencionar, porém, é uma resposta que foi dada depois de alguns integrantes terem pedido para serem policiados e punidos caso reproduzissem machismo de alguma maneira. Cristina Daniels e Rafael Beverari além de criticarem o posicionamento das feministas como sendo a única corrente do feminismo aceita pelo movimento, também alertam para a dita contradição com os ideias do Movimento:

“Evidentemente, o Movimento precisa de indivíduos capazes de refletir autonomamente, não constrangidos e obedientes a uma autoridade ou tutela superior acima de qualquer crítica, que nenhum princípio libertário jamais pôde sancionar. As catracas não existem só no mundo material, é preciso queimá-las também no plano das ideias!”²⁹

A partir de um olhar de um mero observador, pode-se entender que o MPL passava por maus tempos. Para justificar tal ponto e a dramaticidade dos problemas acima

²⁷ Entrevista realizada em 28/20/2015.

²⁸ Como relata Fabrício abertamente em um grupo de discussão.

²⁹ DANIELS, C.; BEVERARI, R. 03 JULHO 2015 (BR-SP) “Carta de desligamento do MPL-SP”. Disponível em Passa Palavra: <<http://www.passapalavra.info/2015/07/105177>>. Acesso: 13 out. 2015.

mencionados, Bianca menciona que uma das reuniões do segundo semestre do ano chegou a ter apenas 5 pessoas, sem que fosse sequer realizada uma ata.

Por fim, alguns de seus princípios começaram a se mostrar, de certa forma como entraves para a própria dinâmica cotidiana do movimento.

A **horizontalidade**, expressa na divisão e na rotatividade de tarefas – que seria fundamental para consolidar uma democratização de saberes e não consolidar posições hierárquicas – resultou em uma ojeriza à especialização, como se fosse um grande pecado alguém ser mais capacitado que o outro para uma tarefa, ou como se fôssemos igualmente bons em todas as atividades. A **discussão democrática** – fundamental para a oxigenação das mobilizações – abriu espaço para a rediscussão eterna das decisões, feita a partir da vontade individual de cada militante, como se um processo assim fosse democrático.³⁰

Por último, vale fazer a ressalva de que pautas concretas são importantes para movimentos sociais, vide o estabelecimento de um objetivo escolhido pelo MPL: a revogação do aumento de 20 centavos. Além disso, não importa apenas a relevância de sua pauta, mas o quanto o movimento é capaz de propor pautas e criar novas estruturas. Caso não o faça, não faz sentido se apegar a forma, ao modo organizacional e aos ritos pré-estabelecidos.

5.3.2. O Outro Lado

Em se tratando do ensimesmamento do movimento há quem discorde que o tenha ocorrido. Uma integrante do grupo inclusive afirma que “acha que é o inverso”. As divergências entre aqueles que deixaram o grupo e os que permanecem não se resumem a essa questão.

Uma das demais divergências pontuadas por Renata trata da tomada de decisão que levou ao distanciamento da base. Para ela, para além de nunca ter havido uma pretensão de afastamento, o uso do termo “base” já é um tipo de posição política. O grupo buscou sempre regionalizar as suas ações, dialogando cada vez mais com as pessoas. Ademais, nunca houve uma decisão formal para tanto.

Naquilo que diz respeito ao uso do termo “base”, ele se apresenta como uma posição política, pois por não se tratar de um movimento de moradia e trabalho – os quais estão inseridos em espaços cotidianos – apresentam uma dificuldade para ter um tipo de espaço orgânico. O grupo alega chegar a um espaço de modo que as pessoas “continuam livres”, para que possam assim, se desejarem, difundir a pauta. Tendo isso em vista, se dizem não convocar a base para participar de determinado ato, tampouco atividade, uma vez que não

30 OLIVEIRA, L. “O Movimento Passe Livre acabou?”.

criaram uma base dentro dessa perspectiva. O uso do termo “se dizem” se deve ao fato de convocarem as bases, apesar de não atrelarem a convocação, ou as demais atividades do movimento aos ganhos – assim como o fazem demais movimentos.

As discussões acerca da maneira pela qual o feminismo se manifesta dentro do movimento possui uma visão bem distinta daquela relatada por ex-militantes. A visão que predomina é a que nenhuma luta social é dissociada de uma luta contra a opressão. A divergência acerca daquilo que defende o grupo que deixou o movimento, porém, se dá nos termos da forma como ocorre essa luta contra a opressão.

É interessante aqui colocar que, apesar da entrevistada não se recordar da quantidade de membros do movimento e da sua divisão por gênero, ela menciona ter a impressão de que existem mais mulheres. Ainda, acredita que isso está relacionado ao *boom* do feminismo, que tem tido importante participação do veículo da internet. Nesse momento, percebe-se que uma militante que atua em um movimento marcado pelo estabelecimento de laços fortes reconhece algumas vantagens do ativismo de laços fracos. Todavia, há de se fazer uma ressalva de que é importante que haja um debate em torno da mudança qualitativa desses laços quando essas mulheres aderem a esses ou outros movimentos.

Como última questão ligada ao feminismo, cabe ainda pontuar que ao longo da pesquisa de campo ficou muito clara a força que as mulheres têm dentro do movimento. Essas impressões decorrem do fato de serem sempre mulheres que estavam guiando/apresentando o festival, pelos recorrentes gritos em grupo “é o bonde das catraqueiras!” e, por último, por ter sido recitada muita poesia feminista (por meio de rap e poemas).

Com relação aos laços estabelecidos pelos membros do grupo, identifica-se que este apresenta uma ideologia em comum, apesar de seus membros também possuírem visões políticas diferentes. Eles compartilham uma responsabilidade coletiva, a qual constroem todos os dias a partir da disciplina empenhada e confiança nos demais membros.

A estrutura organizacional do movimento aparenta ter alguns aspectos que mudam bastante ao passar do tempo, ficando à decisão do planejamento do ano. Um exemplo disso é a diferença da organização dos encontros quando em comparação os anos de 2014 e 2016. Enquanto no primeiro o MPL se reunia em períodos mais espaçados, para unificar o entendimento daquilo que estava acontecendo, nas chamadas reuniões municipais, quando possuíam comissões de bairros autônomas; no segundo, se reúnem aproximadamente a cada 15 dias, para além da existência dos grupos de trabalho.

Os diferentes modos de atuação não se devem apenas às mudanças de ano. A partir de 2013, por conta dos desdobramentos do levante de junho algumas coisas mudaram como o fato de se tornarem mais responsáveis com a questão da figura pública. Tendo isso em vista, passaram a adotar uma figura pública, de caráter rotativo, que na realidade foi incorporada por aproximadamente 3 integrantes. Contudo, isso não se estende para todos os contextos. Quando o movimento atende, por exemplo, a espaços como mesas em palestras, em geral, quem costuma ir é quem está disponível, ressaltando a importância do conceito de horizontalidade para o movimento.

Outro modo diferente de atuação se deve à realização do Festival do MPL. Apesar deste não parecer uma prática comum ao movimento, que costuma realizar ação direta, esse festival já existiu em outros momentos. Sua importância se deve ao fato de que o movimento também se propõe a dialogar com as pessoas, explicar o que é direito a cidade.

Algumas questões organizacionais não puderam ser mais desenvolvidas, como medida de segurança do próprio grupo. Não obstante, acredita-se ser válido deixar aqui a ressalva de que determinadas questões que são alvo de crítica ao grupo vem sendo repensadas internamente.

5.3.3: Tomada das Ruas pela Direita

A partir da pontuação de Paulo Arantes, em referência às revoltas de junho, “A utopia real armazenada numa proposta tão disparatada quanto sensata não teria surgido no horizonte se o tabu da luta política na rua não tivesse caído.” (ARANTES, 2014, p. 424) tem-se um ponto de partida para se pensar os desdobramentos conservadores.

Com a percepção de que as ruas são o palco para o alcance de direitos, o MPL vem bradando o seu slogan motivador: “só a luta muda a vida”. Historicamente, se tem conhecimento de que a esquerda tradicional, que apesar de se articular de maneira muito distinta daquelas que o fazem os movimentos autônomos, também fazem o uso sistemático da rua como modo de se manifestar. Uma das novidades mais importantes se manifesta por meio das reivindicações feitas pela direita presente em junho de 2013.

Primeiramente aquilo de mais relevante que deve ser assinalado é que aqui não se busca falar sobre a nova direita em si, mas como ela foi capaz de aprender com Junho. Para além de reiterar aquilo que possivelmente representaram.

Em junho, essa direita apareceu como acima mencionada, no segundo momento, tentando pegar para si o protagonismo alheio. Mostrava-se então limitada organizacionalmente, na medida em que se inseria em um contexto de esquerda, que divergia muito daquilo que reivindicava. Ainda, como também apontado, era composta por pessoas mobilizadas via redes sociais, o que acabava por gerar o estabelecimento de laços fracos. Três anos se passaram e essa direita finalmente mostrou o que aprendeu em junho: ir para a rua. Desta vez, porém, por conta própria.

Essas novas organizações de direita buscam imitar aquilo vivido em 2013. Nesse momento, há uma questão que fica clara: como não existe repressão, o estabelecimento de laços de solidariedade sequer se fazem necessários. Não existe risco para esse direita que apresenta uma pauta moralista, que abrange especialmente os políticos corruptos, não atingindo questões estruturais. Assim como argumenta Gladwell, o vínculo social, orgânico, significativo, não é capaz de se estabelecer como fruto de uma luta de grupos de pressão que não possuem uma luta anti-sistêmica.

A participação da direita que vai as ruas em 2013 pode ser identificada a partir da disputa interna dos sentidos das manifestações, pela distribuição de bandeiras e hostilização de partidos de esquerda, ou pela disputa externa, que ocorreu por meio da cobertura midiática que, para além de impor a temática pacifista, buscou diluir a pauta original.³¹

Indo mais além, também é importante reiterar o aprendizado com as reivindicações populares, assim como a diferença em algo essencial: essa direita toma as ruas dentro da ordem – a exemplo das manifestações que são realizadas aos fins de semana.

5.4 Debate entre Militantes e Acadêmicos

No transcorrer da realização da pesquisa, houve uma ampliação da questão, que se deu devido a observações realizadas em pesquisas de campo, em especial na participação de palestras. O que se observou, sobretudo, foi a diferente ênfase dada por cada grupo a determinada parte da conjuntura que resultou em e que foram, de fato, as jornadas de 2013. Tais dissonâncias se mostraram presentes nos discursos daqueles que vou chamar por acadêmicos (estudiosos que buscaram investigar e interpretar junho de 2013) e também na fala de militantes.

31 FERREIRA, C. “O povo nos acordou? A perplexidade da esquerda frente às revoltas”. Disponível em Passa Palavra: <<http://www.passapalavra.info/2013/06/79837>>. Acesso: 30 jun. 2016

De modo que seja possível visualizar essa questão de uma forma mais clara, é natural que se inicie esse debate com exemplos de falas que demonstram as diferentes perspectivas acerca dos acontecimentos. Ao mesmo tempo em que aborda Bianca: “Eu analiso muito com uma revolta da catraca, que ganhou dimensão nacional por conta de ser na maior cidade do Brasil” o acadêmico Breno Altman diz que 2013 expressa a exaustão de certo modelo político e econômico, que a emergência de novos setores sociais ampliam reivindicações e também que a pressão sobre o sistema não irrompeu por acidente; assinalando apenas em sua segunda fala que “é evidente que o MPL já vinha atuando há anos”³².

A amplitude do debate, que não se restringe a falas observadas no decorrer das palestras assistidas, aparece também através de obras de diversos autores, como Paulo Arantes, que investiga os significados do uso do termo insurgência -geralmente utilizado em contextos de guerra civil- para compreender as manifestações de 2013, a partir do entendimento do que são as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs).

A argumentação caminha no sentido de esclarecer que as UPPs são uma espécie de base militar para governar a população, não apenas com repressão, mas com trabalho social armado. A insurgência, até então entendida no Rio de Janeiro como existindo no comércio de mercadorias ilícitas - onde, na realidade, não existe insurgência. Tendo isso em mente, antes que se houvesse uma insurgência concreta, haveria tecnologias de governo baseadas na ideia de contrainsurgência. Em 2013, essa ideia se completa na medida em que surgem revoltas que parecem algo como uma insurgência. Tem-se, portanto, uma contrarrevolução antes mesmo da revolução (ARANTES, 2014).³³

O Movimento Passe Livre, por sua vez, reconhece que havia um todo muito maior por trás das manifestações que eclodiram em todo o país em 2013 - sendo que “que jamais se pretendeu dono de qualquer uma delas” -, porém, reitera que quem deu a tônica aos acontecimentos foi o movimento. Talvez por essa razão, fazem uma retrospectiva do histórico do movimento como via de explicar a amplitude que obteve junho de 2013 (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SP, 2013).

Em entrevista, Renata argumenta que justificar apenas pelo contexto brasileiro é o mesmo que apagar uma série de lutas que aconteceram em torno do ônibus; do direito a cidade; de esforços dos movimentos autônomos pautando o transporte, dado que antes não se discutia o transporte.

³² Em palestra realizada na FEA em 04/09/2015.

³³ A argumentação apresentada no livro foi discutida também em entrevista

Ainda, ela acredita que os acadêmicos, apesar de todo o olhar em torno das classes sociais e fatos históricos tem que entender que em paralelo a isso, aconteciam coisas no subterrâneo, que é a organização cotidiana dos movimentos sociais - sobre a qual existe uma limitação do olhar dos acadêmicos. Para justificar seu ponto, argumenta que o fato dela ter acordado às 4 da manhã e ido panfletar no extremo sul e depois no m'boi mirim, convocando para o ato foi, de fato, algo importante. E complementa: “não é a rede social que conseguiu mobilizar essas pessoas do nada (...) não é a crise política também somente”.

É imperativo que se faça a ressalva de que nem todos os acadêmicos observados deixaram ao relento as conquistas do MPL, assim como não foram todos os militantes que não deram tamanha amplitude para o contexto dos acontecimentos. Ainda, identificou-se que os discursos aqui apresentados como visões parciais, assim o eram em contextos como realização de palestras e em livros publicados, onde é natural que se desenvolva o tema sobre o qual se tem mais propriedade.

5.4.1 Problema: Duas Perspectivas Apresentam Limitações

Uma vez postas as narrativas distintas, que não são necessariamente conflitantes, cabe apontar por que aqui são apresentadas como problemáticas. Ambas as perspectivas mostram limitações, no sentido de não permitir que haja uma compreensão completa daquilo que foram as revoltas de junho.

Dado que cada uma das partes tem maior compreensão sobre o assunto a partir de seu ponto de vista, é natural que tendam a falar mais desses. Não obstante, por vezes acabam por não apurar fatos importantes, limitando a visualização do espectro total do evento. Quando isso ocorre por parte dos militantes, pode-se dizer que o movimento se negou a enxergar tudo mais a sua volta, se atentando apenas para sua pauta. Em contrapartida, quando o é feito por acadêmicos, os militantes os alertam para a minimização de suas conquistas.

Letícia Cardoso demonstra compreender os problemas oriundos desse tipo de análise dicotômica, ou limitada, e é, portanto, assertiva ao dizer que aqueles que alegam terem “se surpreendido” com as manifestações desconsideram a luta posta a tanto tempo pelo MPL.³⁴

Cabe aqui fazer a ressalva de que esta é apenas uma primeira aproximação do debate, de maneira que seu desenvolvimento se enquadraria melhor em pesquisa posterior.

³⁴ Em palestra realizada na FEA em 04/09/2015.

6. Contribuição Pretendida

Pretende-se provar a importância do ativismo social, sobretudo quando organizado, por meio da comparação entre um ativismo contínuo e estruturado e um que apresenta uma explosão pontual com pautas difusas. Cabe ressaltar, porém, que não se busca formular uma ‘receita’ ideal de movimento social, tampouco eximir de importância manifestações pontuais e independentes.

Tendo em vista que a utilização das jornadas de junho como objeto de estudo se dá para compreender os diferentes modos organizacionais, é importante apontar um encaminhamento da pesquisa, que indica uma maior capacidade de articulação de grupos organizados - como ocorrido no primeiro momento de junho.

O modo organizacional - aqui posto como as estruturas organizacionais e os laços estabelecidos entre os membros como decorrência disso - não é a única tônica para se identificar se há, a partir dele, a aproximação dos ideais almejados pelos movimentos.

Portanto, apesar de ficar claro, ao longo do desenvolvimento do trabalho, que o estabelecimento de laços fortes é essencial para que ocorra um enfrentamento de alto risco - caminhando para mudança sistêmica -, isso não é o único fator determinante para o “sucesso” de um movimento social.

A divergência dos discursos de militantes e ex-militantes demonstram a importância do entendimento daquilo que é o movimento em si. A visão que se tem sobre o movimento que vai determinar não só como você vai lidar cotidianamente com suas estruturas, mas também como você vai compreender os laços estabelecidos que permeiam a sua vivência do movimento.

Desse modo, compreende-se que é o seu entendimento, daquilo que significa o movimento, que vai te permitir constituir o mesmo ou não. As duas visões que seguem, sintetizam um pouco daquilo o MPL passou no pós-junho, a partir da oposição dos grupos daqueles que deixaram e dos que permaneceram no movimento:

Quando existe um olhar crítico acerca das estruturas, elas podem ser repensadas, em especial quando o entendimento sobre os laços fortes é positivo - aquilo que parece estar em curso e que foi apresentado pelo “outro lado”. Em contraposição, quando o olhar crítico não se restringe ao campo das estruturas, mas se amplia também aos laços que se estabelecem - e muito provavelmente a demais questões -, a melhor solução aparece como o desligamento do movimento, visão essa apresentada em “o ensimesmamento”.

Fica evidente aqui como a questão do modo organizacional em si é de especial relevância para os movimentos autônomos, pois esses enfatizam a importância do processo, e, portanto, a forma de constituir a luta no cotidiano - o que ocorre em detrimento do enaltecimento dos resultados. É preciso esclarecer, porém, que para além da importância dessa visão crítica acerca do processo, os laços afetivos, que se manifestam como vínculos fortes, tem um papel extremamente significativo para construção deste.

Com relação às dissonâncias de discursos, por ora, identifica-se que a melhor maneira para compreensão do evento como um todo é a compilação de ambas as abordagens: é preciso levar em consideração um contexto de ascensão pelo consumo e do partido dos trabalhadores no comando do governo federal por aproximadamente 10 anos, sem reduzir os feitos dos militantes. Isso se faz importante, sobretudo quando se coloca a questão apresentada por Renata de que os acadêmicos não tem um alcance abrangente para tratar das questões organizativas, que são internas ao movimento; e, mais ainda, em se tratando do MPL, um movimento autônomo cuja atuação não tem como foco principal o alcance de resultados - nesse caso expressos pela revogação do aumento da tarifa.

7. Referências Bibliográficas

ARANTES, Paulo. *O Novo Tempo do Mundo*. : Boitempo Editorial, 2014.

BLEE, Kathleen M. *Democracy in The Making: How Activism Groups Form*. : Oxford University Press, 2012. Disponível em: https://chisineu.files.wordpress.com/2014/02/democracy-in-the-making-blee-kathleen-m_.pdf. Acesso em: 17/03/2015

COLETIVO PASSA PALAVRA. “Primeiras Chamas: atos regionais das jornadas de junho”. Disponível em Passa Palavra:<<http://www.passapalavra.info/2013/09/85393>>. Acesso em: 29 jun.2016.

DANIELS, C.; BEVERARI, R. 03 JULHO 2015 (BR-SP) “Carta de desligamento do MPL-SP”. Disponível em Passa Palavra: <<http://www.passapalavra.info/2015/07/105177>>. Acesso: 13 out. 2015.

FERNANDES, Gustavo. “Por uma nova compreensão das Jornadas de Junho: formas descentralizadas de ação política e crítica ao “espontaneísmo” analítico”. 2015. Disponível em: <http://passapalavra.info/2015/02/102712>. Acesso em: 19/03/2015.

FERREIRA, C. “O povo nos acordou? A perplexidade da esquerda frente às revoltas”. Disponível em Passa Palavra: <<http://www.passapalavra.info/2013/06/79837>>. Acesso: 30 jun. 2016.

FREEMAN, Jo. *The tyranny of structurelessness*. WSQ: Women's Studies Quarterly, v. 41, n. 3, p. 231-246, 2013.

GLADWELL, Malcolm. “A revolução não será tuitada”. Observatório da Imprensa. 14/12/2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a-revolucao-nao-sera-tuitada>. Acesso em: 2014.

MARTINS, C.; CORDEIRO, L. “Revolta popular: o limite da tática”. Disponível em Passa Palavra:<<http://www.passapalavra.info/2014/05/95701#more-95701>>. Acesso: 18 mar. 2015.

MPL-SP. “09 JUNHO 2013 (BR-SP) Nota pública do Movimento Passe Livre sobre a luta contra o aumento”. Disponível em Passa Palavra: <<http://www.passapalavra.info/2013/06/78707>>. Acesso: 29 jun. 2016.

MPL-SP. “Apresentação”. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao>>. Acesso: 29 mar. 2016.

MPL-SP. “Carta de Princípios”, disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/cartadeprincipios/>>. Acesso: 16 mar. 2015.

NUNES, R. “A organização dos sem organização: oito conceitos para pensar o “inverno brasileiro””. Disponível em Le Monde Diplomatique: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3036>>. Acesso: 24 ago. 2015.

OLIVEIRA, L. “O Movimento Passe Livre acabou?”. Disponível em Passa Palavra: <<http://passapalavra.info/2015/08/105592>>. Acesso: 14 out. 2015.

ORTELLADO, Pablo et al. *Vinte Centavos: A luta contra o aumento*. 1ª. ed. : Veneta, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo et al. “Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas”. In: , et al. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SINGER, André. *Os Sentidos do Lulismo: Reforma gradual e pacto conservador*. : Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?*. : UFMG, 2010.

VIANA, S. “Técnicas para a fabricação de um novo engodo, quando o antigo pifa”. Disponível em Blog da Boitempo: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/06/21/tecnicas-para-a-fabricacao-de-um-novo-engodo-quando-o-antigo-pifa/>>. Acesso em: 09.jan 2016.

VINICIUS, Leo. “O lido e o vivido: sobre “A guerra da tarifa””. 2012. Disponível em Passa Palavra: <http://passapalavra.info/2012/08/63092>. Acesso em: 18 mar. 2015.

VINICIUS, Leo. *Antes de junho: Rebeldia, Poder e Fazer da Juventude Autonomista*. Florianópolis: Editora Em Debate, 2014. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/249853075/Antes-de-junho-Rebeldia-Poder-e-Fazer-da-Juventude-Autonomista>>. Acesso em: 16 mar. 2015.